

Betty Milan

A TRILOGIA DO AMOR

(ficção)



SUMÁRIO

O SEXOPHURO 15

UM

O Casamento 19

DOIS SE NÃO VÁRIOS

Infância, Adolescência... 43

ENTREATO

O Aborto 53

TRESVARIO OU MEMÓRIA DO FUTURO

A Palavra 57

A PAIXÃO DE LIA 63

MY MAN 67

O BORDEL 75

A CORTESÃ 91

LESBOS 101

AVE, MARIA! 117

O AMANTE BRASILEIRO 127

Agradecimentos 281

Posfácio, por Claudio Willer 283

O SEXOPHURO

UM

O Casamento

POR QUE NÃO IREM PASSAR a noite no apartamento de praia da mãe? Sugeriu e o ex-marido aceitou.

Chegando, teve um ímpeto de entregar a ele o molho de chaves, como havia feito durante anos a fio. Mas, por estranhar agora o movimento, introduziu vigorosamente a chave no buraco da fechadura, abriu e empurrou a porta. O Ex só fez observar parado e entrou, em silêncio, atrás dela.

A presença dos objetos evocativos do casamento se impôs perturbadoramente. Querendo esquecer o passado, saiu da sala para o quarto.

Abrir as janelas, aliviar o mofo, fazer depois a cama. Dobrando-se sobre esta, ocorreu-lhe a mão abrupta dele no dia anterior, por trás, entre as suas pernas. No mesmo hotel onde, vinte anos antes, eles noivavam contra as regras e que, agora, os dois já divorciados, servia de refúgio.

Fez a cama e voltou a encontrá-lo na sala, topar antes nos objetos. O consolo era o que ela havia reivindicado na separação. Sobre a mesa que ali estava, tinha dançado a despedida ao som das *Bachianas*, exibindo o desespero na presença voluntariamente apalermada dele. Naquele espaço, a memória da discórdia se impunha, tornando irrisória a fantasia.

Da sala para a cozinha. Não achou nada no armário que se pudesse consumir. Um uísque, uma zonzeirinha que desmentisse o passado. Onde estariam as amostras de bebida

estrangeira que a mãe expunha na prateleira especial? Fechadas dentro do consolo. Nunca tinha ousado tocar nelas, mas, encontrando-as ali, sentiu que podia abri-las. Relegadas ao interior do móvel, tinham perdido a antiga intocabilidade.

De tudo, menos uísque: kirsch, conhaque, licor, porto, marrasquino. Proporia diferentes bebidas a ele, embora soubesse que o conhaque seria escolhido. Cabia agora, para afastar o passado, fazer de conta que desconhecia a preferência.

— Grand Marnier, meu bem, Martel ou marrasquino?

Que pergunta mais estranha, considerou o Ex. Ia ela abrir mesmo as tais garrafinhas? Vendo-a oferecer uma, percebeu que sim e respondeu *Martel* simplesmente.

ENTROU NO QUARTO COMO SE o fizesse cotidianamente e o amor ainda fosse um mimo que brinda o sono, espécie de imprevisto previsível, antes bem-vindo do que requerido. Deixou o conhaque no criado-mudo, beijando-o na boca em que ele virou-esvaziou o copo atônito nas mãos de quem nunca bebia de um trago só.

A hora era da nudez que ele lhe entregava, o braço estendido para recebê-la. A paz do seio no flanco dele, de quem está certo do prazer, ela descansou de si, visualizando

o passado no interior, sua inocência, longínquas serenatas de uma candura arcaica e despojada. Quis chorar as águas roladas, mas se conteve. Cansada da gangorra em que soçobrava cada um alternadamente, mesmo porque a gangorra já não era possível. Da última vez ela se quebrara, deixando-os sozinhos, um sem o outro, sem a Outra e sem futuro.

Carência de mãos, lábios e de marcas em todas as covas ou dobras, o peito se abrindo num fôlego de ternura. Aquela mulher ficara parada no tempo das carícias perdidas. Viu-a num pôr da tarde ensolarado, sentadinha na pia, as pernas timidamente abertas e sentiu nas têmperas o calor das suas coxas. Rosa-céu, o tom do que havia sido invadiu o quarto.

Apertou-lhe o seio, escorregando os dedos até o mamilo que acariciou como se enrolasse fumo.

Pausadamente e sem ruído algum, ela serpenteou a cabeça até o sexo dele, até mitigar a espera na boca e esta na espera. De primeiro, a inconsistência a repugnava. Só muito depois se tornou um dom que, assim, sem cuidado, alheio à pressa ou à vergonha, só ele lhe entregava.

Sentiu-o palpitar e a língua que fremia. Afastou-se, olhou-o no rosto e soube de si mesma. Apesar da separação, o mesmo desejo moldado no dele, tatuado. O desejo que contornara as outras, a Outra, e não arrefecia. Baixou

os olhos e aninhou o sexo dele na mão. Soube-se então terra, orla marítima oferta às ondas, arrecife no mar daquele homem.

Tomado, ele impôs a ela um tempo sem pausa, em que só a queria mais e noutra gozo.

Entregou-se a esse tempo e se deixou levar para onde não sabia mais de si, só o que ela sentia contava. Assim, livre do passado e do futuro, fechou os olhos. Afastou-se insensivelmente dele e adormeceu.

ACORDOU LEMBRANDO DA pinturinha de São João – quermesse, quentão e lua cheia – que ficava em cima da cama do casal e depois ela havia visto no apartamento em que ele fora morar com a Outra.

Só por ter seduzido a empregada, tinha conseguido entrar no apartamento. Valera-se da cumplicidade feminina contra a amante, apresentando-se como a esposa do patrão e dando a entender que a outra mulher não o era. Apesar de cedo, vestia-se de preto e carregava na maquilagem para dissimular a contínua ressaca das suas horas, sempre em busca da rua em que o marido toparia nela ou às voltas com a ideia de estar num caixão, morta. Talvez porque levasse no

rosto as marcas dessa imagem, encontrou uma empregada permissiva, que em nada se opôs à sua curiosidade.

Não havia na entrada mais nenhum resto ou traço da mudança. Tudo parecia já ter encontrado lugar e, em face disso, ela se sentiu desabrigada. Vergonha teve da própria morosidade e da rapidez alheia.

No viço das samambaias da sala de visita e nos boiões de sequilhos da sala de jantar, viu sobretudo um cuidado que nunca tivera. E ficaria admirando, não fosse o súbito horror da estampa florida do papel de parede, o bucólico industrializado por toda a parte. Lembrou do cacto que enviara a ele, contraponto das flores-do-campo. O cacto, de seca em seca, resistiria ao tempo e à Outra. Disso, apesar da tristeza, nunca havia duvidado, ainda que ali a certeza vacilasse.

Emergiu na realidade da empregada cabisbaixa, o olhar pousado nas mãos cruzadas diante de si. Será que estava muda? perguntou-se já indo da sala para o quarto. No caminho, inspirou fundo e afastou a lembrança da antiga cama, soterrou o choro nos pulmões.

Desde que havia se separado, bastava deitar noutra para ser assaltada pela memória do marido, ver no amante o seu simulacro. No escuro, recompunha o cenário perdido, bál-samo necessário ao sono. Mas na manhã seguinte, ao abrir

os olhos e enxergar o amante, era invariavelmente um susto. Que ela preferia à impossibilidade de sonhar.

Entrou e saiu do quarto banida, expulsando-se. Foi para o cômodo ao lado, uma espécie de sala de despejo. Cartões de visita com o antigo endereço, cartas, fotos e, no meio das mais diversas quinquilharias, os ex-votos que ele colecionava, cabecinhas de barro fazendo menção ao corpo sem saúde, se afinando, ao corpo que já se finou.

Sentiu-se olhada pelos ex-votos e, mais uma vez, fremiu de horror. Quis sair, invadiu ainda mais o domicílio alheio. Abriu uma caixa de charutos e pegou um. Depois, a transgressãozinha bem segura na mão, foi fumar na cozinha. Ouvir a empregada. Aquilo da outra mulher? Ora... Não devia se preocupar. Chama de fogo de palha, agarração do demo de que o patrão andava farto, o doutor sendo ele muito pacato.

Tragou o que ouvia, placidamente, apagou depois o charuto e foi embora.

NO CALOR DO CAFUNÉ que ele fazia, algo de si menina vindo pela mão, algo que permitia estar ali sem projeto nem a amargura de não tê-lo.

Ele precisava dela assim, esquecida da dor e dos subterfúgios para simular a sua inexistência. Já na época da Outra, a dor da esposa o amofinava e, ainda que fosse só para se libertar disso, voltaria atrás se pudesse. Odiava a intransigência da mulher, mas a sabia partida e se enternecia, enlacrando-se entre a sua mágoa e o fogo da Outra. Por nada, entretanto, podia renunciar a esta.

Restava lamentar a intolerância da mulher, mesmo porque não tinha como abordá-la. O que quer que ele fizesse para agradar encontrava sempre uma lágrima seca, ameaça dura de separação, nunca uma trégua que o deixasse errar.

Da mulher, era o querer contido. Aceitava esperas demasiadas, respostas vagas onde toda a verdade se elidia. A Outra queria dele mesmo a sombra. Direitos não reivindicava, exibia e, à força de exigir, se impunha. Ousava o que ele sequer podia imaginar e por isso o seduzia.

O apelo da Outra era irresistível e, fossem quais fossem as amarras, ele as teria soltado. Só lhe restava conseguir a cumplicidade da esposa. Ademais, podia precisar dela no futuro. Recusando amarras, não queria perder de vez as rédeas.

Daria tudo pela mulher sonada, cujo ódio o ameaçava, vento de tempestade no mar em que ele já havia embarcado e a sua canoa navegava incerta.

A PAIXÃO DE LIA

MY MAN

QUANDO O ESPERADO, O AMANTE de Lia, o meu? Auré-
ola de cachos negros, tez morena e olhos glaucos será? Um
anjo cor de jambo. O sorriso para saudar o encontro e, me
vendo, o olhar de quem enxerga um cenário sonhado. Uma
mesma voz melíflua para dizer *sim* ou até *não*, querendo
ser amado sobretudo. O amante, quando? O que, no meu
sonho, Ali se chama.

A – L – I, as mesmas três letras do meu nome.

Ali, o que, me vendo ou me ouvindo, saberá dizer: *A
tudo eu prefiro te amar*. O homem para esquecer o que me falta
e vir a ser quem eu desejo. Juntos, eu e ele, viveremos na
ignorância do que fomos e desatentos a qualquer realidade
que não a nossa. Nunca me lembrarei do relógio e não me
importará sequer o fato de ser dia ou noite.

O amante para que eu, com ele, possa me transladar de
um a outro sítio, ver as cores todas na espuma branca do
mar. Ser a itinerante e alcançar o Oriente Extremo, aí ouvir
o alaúde e tomar chá de menta ou, numa casa chinesa, entrar
no paraíso fumando ópio. Ali, para atravessar os continentes,
largar do porto ousando o mar alto e, depois, ao porto retor-
nar. Com ele deixar de ser quem sou, me tornar cigana e ser
a vidente. Uma bola de cristal eu terei para antever o futuro
e perpetuar, me transfigurando se preciso for, o elo presente,
ora sendo a dos lábios de fogo, ora a das palavras de mel.

Outra que não eu, por me fazer amar, Ali me fará ser.
Por amar, outro forçosamente ele será.

MESMO NOS DIAS de quarto minguante, com Ali eu verei a lua cheia. De *smoking* e gravata-borboleta ele estará sempre, ainda que, na realidade, esteja de outro modo vestido. Pode a noite em que o meu homem chega não ser de gala? não estar eu de longo esvoaçante? arminho nos ombros ou um rabo de sereia?

Champanhe. Verta ele da sua na minha boca o champanhe e a língua abrupta com que me fará fechar os olhos, me deixará sem nenhuma palavra que não seja Ali. Ficar enfim sem palavras e bendizer calada o fato de nada poder dizer. Ouvidos eu então só terei para o silêncio e para *My Man* na voz mareada de Billie Holiday.

Que Ali me beije os lábios, odor de tabaco me envolva, e escorregue com a língua até a garganta, me satisfaça a primeira gula. Ponto, parada. Meia dose de conhaque Lia quererá? Creme de menta ou Ginger Ale? Suco de limão na falta de leite de coco.

Seguir no ritmo dele, passo a passo entre azaleias. Colher uma e, com a pétala, acariciar-lhe a face esquerda – ficará

assimétrico, querendo na outra a carícia, pronto a comigo se ausentar. Não iremos a Roma ou a Paris, pois no Tibre ou no Sena não há nenhuma ilha onde possamos estar inteiramente sós. Antes nos perdermos em longínquas dunas tropicais para que a nossa hora seja só nossa. Iremos para onde o céu aparecerá através da copa escancarada de um buriti e o silêncio será para ouvir as ondas do mar, esquecer que a nós só o tempo precário da duração é dado.

ME BEIJE, ME ENVOLVA e se afaste para olhando me apalpar o seio-cabaça da direita, beber depois o mel do bico intumescido no seio esquerdo, o do coração. Me prenda o mamilo entre os dentes, deixando que eu, entreaberta, acaricie com a alamánda o meu botão. Deslembrada do que não seja Billie Holiday, entregue à boca dele e ao meu roçar, desejando que ele adie o gozo e se satisfaça com o adiar.

Mel de acácia no rego dos seios e nas pétalas da rosa entreaberta. Perfumar assim a língua dele, prometendo ser flor de laranjeira depois. Ser todo dia outra e com isso escapar ao tempo. Lia, Lúcia ou Lia Lúcia para beber na fonte de Juventa. Apegada ao que sou, eu logo morreria. Num dia o

vestido colante, negro. Noutro, de branco transparente. Às vezes de cabeleira solta, auréola de cachos; outras de peruca ruiva, um anjo imprevisível, do bem e do mal.

O SÓ DEDO NOS MEIOS e ele me abrirá a porta do paraíso. *Lover man*. O torno contínuo e nós sobrevoaremos o areal ao som de uma Billie nunca antes ouvida, Billie My. *Lia*, ele me diz, e me beija com a boca umedecida na rosa, oferecendo o sumo das entranhas.

Bebe, mulher, as cores do arco-íris e vem comigo ver o Hudson, atravessar o Central Park e ajoelhar no pequeno parque que o grande abriga, Strawberry Fields, onde Yoko Ono perambula invisível à procura de Lennon, a do cabelo negro cobrindo a nudez, dos olhos vidrados de paixão e das mãos para o céu.

QUE ALI ME DEIXE ESTAR de borco e se deite sobre o meu corpo. Me alise depois os flancos dizendo *Tê amo, Lia Lúcia* até que eu me erga e me arreganhe e ofereça a segunda porta, *ai*. Billie Ai para *Lover man*.

O AMANTE BRASILEIRO

De: Clara

Para: Sébastien

Assunto: eu sonho com o incêndio de que você é a causa

tenho certeza de que você se lembra

porque parece que foi ontem

nós estamos no elevador do prédio onde você mora

eu te conto o que eu disse para o meu filho antes de sair:

“— Até logo, eu já vou indo, vou encontrar o meu amigo brasileiro”

você ri porque você é meu amante e você é francês

e daí você me sai com: “— *O amante brasileiro*, o título do teu romance é esse, Eva”

— Eva? pergunto surpreendida — Você então, daqui por diante, vai se chamar Adão,

acrescento, aceitando o batismo que você me dá

Romeu então não pediu a Julieta que o rebatizasse?

“— Me chama de meu amor e eu estarei rebatizado”, disse ele assim, desde que você me chamou de Eva, eu sou Eva porque eu sou exatamente como Romeu

nós só falávamos o francês

usávamos o *vous* e não o *tu*, mas de repente, no elevador, você

me saiu com um *tu*
você faz isso quando a coisa vem lá de dentro e eu pego fogo
você aliás imagina que eu pego fogo o tempo todo
porque eu sou brasileira ou porque eu rio muito?
seja como for, eu sonhava com o incêndio de que você foi a
causa, ou melhor, sonho com ele
quero o fogo, a labareda
o teu sexo na palma da minha mão
abocanhá-lo e saber dos lábios
a língua em torno, titilando
S, Sébastien, Sebastião

não é por acaso que eu te amo
você me faz esquecer o que me contraria
quando você aparece, na casa ou na rua, você suspende
a realidade
porque, a bem dizer, você não aparece, você entra em cena
e o que eu vejo é o palco onde você está como personagem
o tempo então já não é o mesmo
porque eu tenho a ilusão de que sou eterna
de que já não estou sujeita à arbitrariedade da vida e da morte

o calor da tua presença me aquece mais do que o sol
do Rio de Janeiro

pudesse eu ser transferida logo
ir para onde você está
ser de novo a correspondente do jornal em Paris
isso já é certo
o que eu ainda não sei é a data
até lá eu escrevo para vencer a distância e neutralizar o tempo
que passa
para que você não me esqueça
as palavras todas para desacreditar o oceano e impedir
o esquecimento
Clara

ps: a partir da próxima semana eu tenho uma coluna no jornal
sobre o amor
e a ordem do editor é escrever o que me passar pela cabeça, “o
mais livremente possível”
a ideia me agrada e o primeiro texto já está pronto
segue um fragmento abaixo – ele indiretamente nos
diz respeito

“Quando, há alguns anos, um editor me pediu que eu
escrevesse um livro sobre o que é o amor, pensei e respondi
não. Quem pode definir o amor? Quem pode enquadrar

numa ou noutra definição este sentimento vivido por cada pessoa de maneira diferente?

Recusei a proposta, mas depois comecei a girar em torno do tema, fui me apaixonando por ele e acabei escrevendo o livro.

Deixei-me arrebatado como todos os que se apaixonam.

Seja qual for o amor, não há possibilidade de ter controle sobre ele. O amor escapa, como a vida e a morte.

Precisamente por isso, ele é decisivo. Tanto faz morrer quanto viver. Tanto levou Romeu e Julieta a padecer no inferno quanto os levou ao céu.”

De: Sébastien
Para: Clara
Assunto: o teu sonho é o meu

não fosse o trabalho, eu estaria aí
com você, Eva
também eu sonho, dia e noite, com o incêndio de que você é
a causa
tua mão como cobra no meu corpo - que hesita e se decide
o meu dedo que te escava
fervorosamente
o teu sonho é o meu
de nada eu me esqueço,
nem mesmo dos teus suspiros
já nasci sonhando com eles, com a tua voz
ela me embala e é por isso que eu, às vezes, não presto atenção
no que você diz

mas, no elevador, eu te ouvi perfeitamente e me tornei o que
eu já era: um brasileiro
deixei que você me batizasse nas águas do teu país, para que
você renascesse nas minhas, tivesse a nacionalidade

do nosso amor
o que eu mais queria era me tornar mestiço
renascer assim
há tempo eu desejava isso – como um presidiário na cela
mas eu precisava das tuas mãos para enxergar o dia
amar o meu corpo, comparar o meu sexo ao sol
só a certeza de que eu posso me perder em você hoje
me aquece
em Paris, a temperatura é de zero grau
S, Sebastião

De: Sébastien
Para: Clara
Assunto: eu quero mais

você ontem não me escreveu
mas me deixou à espera e por isso eu te amo
nada seria pior do que já não te esperar
Eva, eu quero mais
Sebastião

De: Clara

Para: Sébastien

Assunto: se eu soubesse quem você é, eu não sonharia

foi de saudade que eu não escrevi
saudade das tuas mãos, do teu sexo nas minhas
na ponta dos meus seios
no meu ventre como um pincel
gosto dele me colorindo a pele
como um antúrio, apontado
ou me fazendo dançar no compasso das tuas estocadas
tuas mãos, teu sexo, teus olhos
eles são luminosos porque são os teus e porque me
lembram os do meu pai
você me diz que eles são verdes
mas eu nunca sei se os teus olhos são verdes ou azuis
só sei que eles são intensos e, seja como for, é importante
não saber exatamente como você é
quem ama põe um véu sobre o amado – faz isso só com
o olhar
se eu soubesse exatamente como você é,
eu não sonharia tanto
e é para isso que eu te quero

você também, aliás
para olhar Paris e olhar para nós mesmos com o sentimento
de que estamos sonhando acordados
acho mesmo que não há nada melhor do que sonhar assim
talvez por isso o amor seja eterno

Paris foi e é o nosso cenário
do amanhecer ao pôr do sol
à noite, a cidade faz a palavra mistério ressoar
e é Montmartre que cintila
porque Paris à noite ainda é Montmartre
“indolente, preguiçosa, indiferente, meio pobre e sórdida”,
mas luzindo “como a brasa sobre a cinza”
lembra desse texto? foi você que me passou
é do Henry Miller
gosto tanto do texto quanto da vista da cidade lá do alto
Paris como um vaga-lume
acende-apaga-acende
ela não acaba nunca, e nós dois somos parisienses, ainda que
eu tenha nascido no Brasil e você na França
somos parisienses porque *parrhisia* significa liberdade de falar
você e eu nos encontramos para viver essa liberdade que o
casamento não deu
nem o seu com a Claude e nem o meu

por que será?
impossível ser livre no casamento?
talvez
C, Clara

ps: recebi vários e-mails por causa da coluna
vou responder um deles amanhã,
o de uma leitora chamada Lola
depois de amanhã eu te escrevo

De: Clara
Para: Lola
Assunto: Re: escravidão voluntária

O e-mail escolhido esta semana foi o seu, Lola. Segue a minha resposta logo depois dele.

O nome dela só pode ser Clara e o meu Obscura, pensei, depois de ter lido a coluna. Obscura, porque eu não me entendo e este e-mail é por causa de uma frase sua: "Não há como ter controle sobre o amor". Não há, não há, não há, fiquei eu repetindo até concluir que não sou anormal. Entrei de gaiata no túnel em que estou. Quando dei por mim, não enxergava mais a entrada e não via a saída.

O computador, tudo aconteceu nele. Em vez de um namorado, um cyberlover que, depois de ter sido um anjo, só me recusa o que eu peço e só se apresenta pedindo o que eu recuso. Escravidão voluntária, me disse uma amiga. Não entendo nada de filosofia, mas deve ser isso.

O Marcelo entrou no bate-papo num dia cinza de inverno, como só podia ser. Um dia de céu nublado, ameaçando chuva. Um daqueles dias tão frios que a gente não sai para não bater os dentes e, quando já não tem mais para quem telefonar, acessa a internet. Sem compromisso, só para ver no que dá. Pois deu o Marcelo, que acabava de assistir A flauta mágica no cinema e escreveu que os namorados, de tão parecidos, se chamavam Papagueno e Papaguena.

Papagueno e Papaguena, alma gêmea e alma gêmea. Sonhei com isso a noite inteira. Vendo dois papagaios juntos, dois namorados num jardim. Acordei pensando que o meu marido e eu nunca nos beijamos. A água e o vinho. Levantei, me vesti e já fui para o computador. Cadê o e-mail do Marcelo? Achei no arquivo do bate-papo. Copiei e escrevi contando o sonho.

Olá Papaguena! E você como é? Descrevi o meu cabelo. Castanho, comprido — até quase os ombros — e ondulado. Conte que os olhos verdes são grandes, o nariz é reto, a boca tão benfeita que eu não uso batom. Só faltou requebrar. Escrevi ainda que sou alta e magra, porém não exageradamente.

Satisfiz o pedido dele e não pedi descrição alguma. Talvez tenha sido por timidez. Nunca sei o motivo do que faço. Primeiro faço e só depois me pergunto o porquê.

O Marcelo respondeu dizendo que havia se casado com uma mulher frígida e acabava de se divorciar. Que ele era um homem sem preconceitos e procurava alguém capaz de transar e de “expressar suas fantasias”.

Foi a sopa no mel. No casamento, eu não posso falar, e, o que é pior, sou obrigada a transar sempre da mesma maneira. O meu marido só ejacula se eu virar de borco, levantar o traseiro e disser que sou uma puta. Se eu não disser, ele grita putinha e repete até ejacular. Putinha, putinha, putinha. Não vou dizer que não gozo. Seria uma hipocrisia. Só que, no dia seguinte, eu fico com uma raaaaaiva! Se você soubesse. Como pode ele me rebaixar assim? O lema do meu marido poderia ser: O meu prazer é a tua degradação. “— Vira, ergue, diz. . .”

Quando o cyberlover apareceu, eu não resisti. Embarquei, deixando que o Marcelo tomasse as iniciativas: “Não quer ainda ou já está toda molhadinha?” “Quer na mão, na flor ou no botão?” “Não sabe?” “Então afasta mais as pernas para saber.”

Eu só respondia, imaginava esse ou aquele gesto e me masturbava na frente do computador. Às vezes, gozava parada, imaginando o gozo dele, de que eu ficava sabendo por um LOLA, LOLA, LOLA na tela! Foi assim até que ele pediu para eu me expressar livremente: “Por que você não diz que quer o meu sexo ainda mais duro e maior? Na boca, na primeira ou na segunda porta? Diz, Lola, entrega o corpo, de frente ou de borco – por que não?”.

Ajoelhou, rezou. E eu então primeiro pedi que ele introduzisse a língua na minha flor sem deixar de acariciar o meu botão. Gosto de ser tocada em dois lugares. Se possível, em três ou quatro. Quis que ele se roçasse no meu corpo, entrasse na flor com o sexo e o dedo e só ejaculasse no meu seio, fora. Um dia – para sentir bem as estocadas – sugeri que ele entrasse pela cona, mas por trás. O prazer me fez imaginar um sexo grande e eu pedi na boca, na garganta, ejacula, vai.

Deixei de me conter, e, como ia nua para o computador, descobri a pele que tenho, aveludada. A pele, o perfume e o sabor do meu sexo. A troca de e-mails durou um ano. Até eu ficar insatisfeita. Queria conhecer o cyberlover, ir para um hotel. Nada mais natural, não é? Sugeri e a resposta foi: “Boa ideia. Que tal trocar uma foto antes?”.

Não gostei, mas fui no melhor fotógrafo do Rio e enviei duas fotos do meu rosto sem maquiagem alguma. Uma de frente com o cabelo preso e outra de perfil com o cabelo solto. Para ele ver o meu corpo, acrescentei uma foto do Carnaval passado. Trapezista, na Marquês de Sapucaí.

“Como você é bonita, Lola. E até de circo você é! Foto minha eu logo mando.” Logo? Três meses depois. Por estar sem tempo de ir ao fotógrafo e “porque retrato antigo nem pensar!”. Durante esse período, a correspondência continuou. A cada dia a decepção aumentava e o tesão diminuía.

Quando o retrato enfim chegou, eu me encantei. Cabelo castanho claro, espesso e liso, olhos verdes como os meus e os traços superdelicados. Olhando, pensei numa moça que conheço e gostei mais ainda. Propus um encontro no fim de semana.

A resposta: "Por que não falar antes pelo telefone?". Cedi de novo, dando o meu número. Uma, duas, três semanas e nada. Um dia perdi a paciência e avisei que não enviaria mais nenhum e-mail antes do telefonema. Desde então, continuo esperando o telefone tocar e o Marcelo continua me escrevendo. Diz que foi com ele que eu vivi as fantasias e que nada é mais intenso do que o amor pela internet.

Não sei o que pensar do telefonema que ele não dá e da minha espera. Só sei que ouço LOLA, LOLA, LOLA e me sinto atraída pelo computador.

Já são três meses. O que fazer? Preciso urgentemente da tua luz.

Acho que você caiu no conto do vigário, ou do Papagueno, Lola. O seu ciberlover se referiu aos amantes da *Flauta mágica*, mas não estava interessado no amor. Quem ama quer o outro na cama, na mesa e no passeio. Não existe amor quando o sentimento não está acima do gozo. Ou quando só o gozo importa. Ser livre para o sexo é ótimo, tornar-se escravo dele é péssimo. Sua amiga chamou isso de "escravidão voluntária". Chamo de dependência sexual.

Os amantes não se valem da palavra só para transar. Servem-se dela para trocar ideias, conversar. Como os amigos. Isso não significa que o seu caso com o Marcelo não seja

importante. Você expressou as suas fantasias, alcançou essa liberdade. Também passou a gostar do seu corpo – da pele, do cheiro e do gozo. Já é meio caminho andado.

Digo meio, porque você nunca viu o Marcelo e nunca se viu através do olhar dele. A internet não permite saber da beleza de quem ama. Você nunca tocou nele nem foi tocada pelo seu amante, não sabe da boca dele na sua, do sexo se estirando na palma da sua mão e do dedo na sua flor ou no botão. Na internet você pulsa sem o prazer da carícia.

Estranho o Marcelo ter enviado uma foto e não ter dado o telefonema. Para não ser surpreendido pela sua voz ou pelo que você viesse a dizer? O fato é que ele não quis nenhum contato real. Só te queria para se entregar a si mesmo. Exatamente como Narciso.

Lembra do mito?

Narciso era tão belo que, segundo uma profecia, morreria se acaso se enxergasse. Belo e totalmente indiferente ao amor. A ninfa Eco, que o adorava, morreu de tristeza por se sentir desprezada.

Revoltada com a morte de Eco, a deusa Nêmesis, que pregava a moderação e punia os orgulhosos, castigou Narciso obrigando-o a se olhar numa fonte de águas cristalinas. Vendo-se, ele ficou fascinado pela própria imagem e não teve como parar de se olhar. Esqueceu inclusive de comer e

de beber. Acabou se enraizando na terra e se transformando numa flor. Foi vítima do amor exagerado por si próprio.

Conselho eu não dou, Lola. Porém, se você enviar um e-mail para o Marcelo, você estará se repetindo como no casamento, quando só transava de borco, dizendo que era uma puta até o cônjuge gozar. Estará se submetendo outra vez, e a repetição é mortífera.

Medo de ficar sozinha? Se a solidão for o preço da liberdade, vale a pena. Porque quem não é livre não pode encontrar o verdadeiro amor. E só quem encontra é feliz.

Quem nos faz existir é o amado – o “amado-amante”, como diz a canção – e a mão na mão é que nos faz vibrar. Para quem ama, Lola, nada é pior do que a separação. Santa Teresa queria morrer para encontrar Jesus. Por isso dizia: “Quero morrer de não morrer”.

O amor é vital embora possa ser trágico. Suspende momentaneamente o tempo e dá a ilusão benfazeja de que não estamos sujeitos à morte. De que somos como os deuses, imortais.

Clara